

## DA IDEOLOGIA POLÍTICA E ECONÔMICA AO CRIME: OPOSIÇÕES QUE MARCARAM UM SÉCULO

### *FROM POLITICAL AND ECONOMIC IDEOLOGY TO CRIME: OPPOSITIONS THAT MARKED A CENTURY*

Prof. Dr. Guilherme William Udo Santos<sup>1</sup>

Profa. Dr. Tatiana Machado Boulhosa<sup>2</sup>

#### RESUMO

O objetivo do presente artigo é entender como algumas manifestações patológicas da humanidade não respeitam fronteiras ou ideologias políticas, apesar de suas interpretações serem permeadas por tais. A partir da ideia do *serial killer*, pretendemos analisar resumidamente a atuação de Andrei Chikatilo, também chamado de “o açougueiro de Rostov” ou “o açougueiro russo” (apesar de ser ucraniano) e a forma como as autoridades moscovitas lidaram com esse fenômeno que até então era considerado especificamente capitalista. Além disso, pretendemos discutir, ainda que brevemente a forma como o cinema e a televisão lidam com a questão dos assassinatos em série, seus autores, investigadores e mitos. Em nossos argumentos, olharemos particularmente para o filme *Crimes Ocultos* (2015), bem como para as séries *Mindhunters* (2017 – 2020) e *Criminal Minds* (2005 – 2020); lembrando, porém que existem outras tantas produções que poderiam ter sido citadas aqui, já que se trata de um tema caro ao audiovisual ocidental.

**Palavras-chave:** Ordem bipolar, ciência, crime e criminologia, representações audiovisuais.

#### ABSTRACT

This paper aims at understanding how some pathological manifestations of humanity do not respect borders or political ideologies, in spite of being interpreted by such lenses. Building upon the idea of the *serial killer*, we aim at analyzing the life and kills of Andre Chikatilo, also known as the Butcher of Rostov or the Russian Butcher (albeit being a Ukrainian national), and how muscovite authorities dealt with this phenomenon that was considered by them, until such moment, as specifically capitalist. Furthermore, we hope to argue, although, briefly, about the way in which movies and TV have dealt with the matter of serial murders, their perpetrators, investigators and myths. In our paper, we will look into the movie *Child 44* (2015), as well as the TV series *Mindhunters* (2017 – 2020) and *Criminal Minds* (2005 – 2020), knowing, however, that there are many other productions that could have been the object of our discussions, since *serial killers* are a particularly liked topic in Western audiovisual productions.

**Keywords:** Bipolar order, Science, Crime and Criminology, Audiovisual representation.

<sup>1</sup> Doutorando em Artes pela Universidade de São Paulo – PGEHA-USP, Mestre em Comunicação pela Universidade Paulista e professor do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; [guilherme.santos@belasartes.br](mailto:guilherme.santos@belasartes.br).

<sup>2</sup> Doutora e mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP, bacharela e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e em Pedagogia pela Uninove; professora do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; [tatiana.bouhosa@belasartes.br](mailto:tatiana.bouhosa@belasartes.br).



## INTRODUÇÃO

### Uma pequena história do conceito de *serial killer*

O *serial killer* é um produto milenar da humanidade, não obstante a quase impossibilidade de compreendê-lo, uma vez que ele fere profundamente todas as normas de convívio. Assusta pensar que esse ataque à lógica social é, no fundo, parte dela. Mais atemorizante é ver que, apesar da natureza conflituosa entre o “eu” pessoal e o “eu” social, o *serial killer* é capaz de conviver aparentemente bem com a comunidade que o cerca. Sentem incrível urgência em criar um verniz de personalidade, tão polido quanto é complexa sua fantasia. É o sentimento de pertença à sociedade que gera o ímpeto de nela se encaixar, e a consciência de sua diferença, a vontade de compreender o meio que o cerca: “Eles aprendem a imitar as pessoas normais” (CASOY, 2002, p. 26).

Para um psicopata, essa relação é uma farsa autoimposta, que pode sair de seu controle. Se isso acontecer, sua fantasia toma conta e surge, nessa brecha, a possibilidade dos crimes hediondos. Dessa forma macabra, recuperam o controle perdido por meio da vítima (transformada em instrumento) e podem se autorizar a voltar ao seio do grupo. Como as vítimas não são suas parceiras na realização da fantasia, e sim seu objeto, não há como defini-la. Não que os *serial killers* não empatizem com suas vítimas. Ao contrário, eles sabem bem quanto sofrimento lhes infringem; mas sentem-se bem com isso. Quando elas já não atendem mais a seus propósitos, deixam os restos mortais com a certeza de que poderão reviver a fantasia em suas mentes. Repassam o crime continuamente, geralmente se regozijando com as concretizações de seus fetiches<sup>3</sup>.

Por isso, esses homens não conseguem conter a necessidade de vivê-la novamente, precisando voltar à busca de uma nova vítima, o que os torna um tipo especial de assassino. A definição de *serial killer* não é um consenso absolutamente aceito. Michael Newton, em sua *A enciclopédia de serial killers*, (2005) diz que “*O manual de classificação de crimes do FBI* (1992) define o assassinato serial como ‘três ou mais eventos separados em três ou mais locais separados com um período de resfriamento emocional entre os homicídios’”

---

<sup>3</sup> “Para os *serial killers* a fantasia é compulsiva e complexa. Acaba se transformando no centro de seu comportamento, em vez de ser uma distração mental. O crime é a própria fantasia do criminoso, planejada e executada por ele na vida real. A vítima é apenas o elemento que reforça a fantasia” (CASOY, 2002: 19).

(NEWTON, 2005, p. 49). No entanto, ressalta que muitas vezes o criminoso pode ser apreendido antes que os três assassinatos tenham acontecido. Dessa forma, para efeitos de compreensão argumentativa, ficamos, neste trabalho, com a simplificação proposta por Ilana Casoy e aceitamos que a definição de *serial killers* seja a de “indivíduos que cometem uma série de homicídios durante algum período de tempo, com pelo menos alguns dias de intervalo” (CASOY, 2002, p.16) e para quem o motivo do crime seja absolutamente tão importante quanto a simbologia de sua vítima.

Talvez seja a crueldade e a criatividade sádica do assassino em série que o torna um objeto de grande fascínio para o audiovisual. Não nos faltam exemplos de filmes e séries produzidos ao longo das décadas da História do Cinema e da Televisão sobre o tema, seja retratando a história de algum desses assassinos, seja olhando pelo ponto de vista das autoridades que os perseguiram, prenderam e condenaram. Neste trabalho, pretendemos olhar especificamente para Andrei Chikatilo, sua articulação com a questão do fim da Guerra Fria e as implicações da resistência política da enfraquecida União Soviética à existência de um assassino em série em seu território. Para isso, não só descreveremos seu caso, como também falaremos sobre sua recepção no Ocidente, particularmente via o filme, *Crimes Ocultos (Child 44)*, de 2015. Contudo, isso não nos furtará da menção a outras produções que nos ajudem a compreender a construção do conceito e sua discussão.

Mas quem reconheceu a existência desse fenômeno e assim o nomeou? Bem, na verdade, existem vários candidatos a inventores do termo, e a discussão por vezes chega a ser acirrada. É provável que tenha sido “usado pela primeira vez nos anos 70 por Robert Ressler, agente aposentado do FBI e grande estudioso do assunto” (CASOY, 2002, p. 15). Embora existam indicações de que o autor inglês John Bophy e o psiquiatra Donald Lunde tenham usado o termo antes (respectivamente em 1966 e 1976), fato é que foram justamente os esforços de Ressler que levaram ao público novas formas de enxergar os *serial killers*.

### **O nascimento do perfil criminal e seus principais aspectos**

Robert Ressler trabalhava na BSU (*Behavior Science Unit* – Unidade de Ciência Comportamental) do FBI, já no final da década de 1970. Foi nessa época que resolveu, por contra própria, iniciar uma série de entrevistas com *serial killers* (e outros homicidas) já

condenados e encarcerados. Algum tempo depois, John Douglas, um novo membro da BSU se juntaria a ele nesse trabalho de campo.

Em 2017, a série do serviço de *streaming* Netflix, *Mindhunters*, estreou nos Estados Unidos. Baseada no livro “Mind Hunter: Inside the FBI’s Elite Serial Crime Unit” (1995), que Douglas escreveu com seu parceiro Mark Olshaker, ela conta a história de dois agentes do FBI, Holden Ford (interpretado por Jonathan Groff) e Bill Tench (interpretado por Holt McCallany) e a maneira como eles lutaram para conseguir efetivamente se dedicar a seu trabalho de construção de uma análise sistemática de criminosos seriais e seus crimes. Ford e Tench são respectivamente inspirados em Douglas e Ressler e, por conta da autoria do livro, o que vemos é que, nesta história, Douglas é retratado como a força por trás da organização desse processo. Contudo, outras fontes nos mostram que Ressler teria sido politicamente mais significativo nesses esforços, até por conta de sua senioridade no quadro do FBI, neste momento. Inclusive teria sido ele que, segundo Michael Newton (2005), teria conseguido convencer seus superiores a permitirem que os dois agentes realizassem entrevistas na prisão, em 1979, quando foi inaugurado o *Projeto de Pesquisa de Personalidade Criminosa* (NEWTON, 2005, p. 321).

Com financiamento governamental, as entrevistas cresceram em número e com o tempo, Ressler e Douglas tinham coletado boa quantidade de material. Baseados, então nessas entrevistas, fizeram então um levantamento de dados, que confirmou, estatisticamente que “a grande maioria dos *serial killers* (cerca de 82%) sofreu abusos na infância” (CASOY, 2002, p. 23). Esses abusos podem ser de ordem física ou psicológica. Dentre eles, os mais comuns são a negligência e os abusos sexuais. Talvez isso ajude a entender porque “setenta por cento de todos os assassinatos em série são motivados sexualmente (...). Para alguns, o assassinato é o pináculo da ‘realização’; um final em si mesmo e o único meio de liberação sexual” (NEWTON, 2005, p. 98). Porém, é preciso ressaltar que qualquer abuso pode levar a um desenvolvimento emocional patológico, que tende a se manifestar como sadismo, ainda que devamos “ter em mente que nem todos os sádicos se tornaram assassinos” (CASOY, 2002, p. 26).

Sabemos que não existe forma de reconhecer um *serial killer* simplesmente baseado em sua biologia ou sua aparência física; não obstante, podemos afirmar, graças às estatísticas levantadas por Ressler e Douglas (e que vêm sendo reforçadas nas últimas décadas por novas

pesquisas ou pelo aprofundamento das entrevistas realizadas por novas gerações de investigadores, psicólogos e psiquiatras forenses) que a maioria dos *serial killers* são homens brancos, e com idade entre 18 e 49 anos (CASOY, 2002, p. 32)<sup>4</sup>. Além disso, a maioria dos entrevistados também apresentou uma série de vivências comuns em suas infâncias, combinadas de uma forma ou de outra:

enurese em idade avançada, abuso sádico de animais ou de outras crianças, destruição de propriedade e piromania (...) devaneios diurnos, masturbação compulsiva, isolamento social, mentiras crônicas, rebeldia, pesadelos constantes, roubas, baixa autoestima, acessos de raiva exagerados, problemas relativos ao sono, fobia, fugas, propensão a acidentes, dores de cabeça constantes, possessividade destrutiva, problemas alimentares, convulsões e auto mutilações (CASOY, 2002, p. 18).

Os autores categorizaram os assassinos seriais em relação à motivação, forma de execução do crime e geografia dos locais onde eles aconteceram. As conclusões a que chegaram os agentes, estão resumidas no quadro abaixo e são utilizadas até hoje, não apenas pelo FBI, mas como um guia comum em vários outros lugares do mundo.

Quadro 1. Classificação dos assassinos seriais quanto à motivação, forma e geografia de suas execuções.

<b>Motivação</b>	<b>Forma de execução</b>	<b>Geografia das execuções</b>
Visionário	Organizados	Estáveis
Missionário		
Emotivo	Desorganizados	Nômades
Libertino		

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de DOUGLAS; OSLSHAKER, 1995.

<sup>4</sup> Para Douglas, os motivos que levam as mulheres a serem uma minoria dentro dessa classe são de cunho social, devido ao incentivo desde a infância à repressão do sofrimento. Além disso, é importante ressaltar que, entre os indicadores da autoria feminina de um crime estão, curiosamente, a ausência de indicadores de sadismo sexual. Claro que isso não significa que não existam mulheres sexualmente sádicas, mas reforça o argumento de que há um componente sexual para a maneira como gêneros diferentes externalizam seus traumas, mesmo no espaço do absurdo e da psicopatia, talvez por conta dessa repressão socialmente imposta (CASOY, 2002, p. 27).

Surgia assim, a primeira matriz para os estudos dos perfis psicológicos desses assassinos. Os criminologistas que ainda seguem esta linha analisam fotos da cena do crime e outros detalhes dos relatórios do caso e, com base nas estatísticas de Ressler e Douglas, dão um parecer sobre qual o “tipo” do assassino em questão. Atualmente, nos Estados Unidos, no entanto, a tendência é o uso de uma forma mais específica de análise, a BEA ou *Behaviorial Evidence Analyses* (Análises de Evidências de Comportamento), que parte da ideia de que os transgressores tendem a mentir e que, portanto, as estatísticas obtidas a partir das entrevistas podem não ser confiáveis.

Os seguidores dessa escola baseiam seu trabalho nas evidências e na reconstrução dos crimes e esta é a premissa da maior parte das séries televisivas de investigação criminal que fizeram sucesso na primeira e segunda década do século XX, como a franquia *Criminal Minds* (2005 – 2020), que, especula-se, possa ser revisitada pelo serviço de *streaming* digital Paramount+. A série, originalmente produzida como uma parceria entre a CBS Television Studios e o ABC Studios, nos Estados Unidos, e transmitida no Brasil pelo canal de televisão por assinatura AXN e também, por um curto período de tempo, na televisão aberta, pela Rede Globo, se desenvolve ao redor da Unidade de Análise Comportamental (*Behavioral Analysis Unit* ou BAU), a unidade de elite do FBI dedicada a investigar crimes potencialmente seriais, que é reflexo do grupo iniciado por Douglas e Ressler na vida real. Aqui também os dois são referenciados, ainda que indiretamente, nas figuras de David Rossi (interpretado por Joe Mantegna) e Jason Gideon (Mandy Patinkin). Considerando sua duração e sucesso em termos de audiência, podemos dizer que ela é uma das muitas responsáveis por criar familiaridade no público cotidiano com termos como *unsub* ou *unknown subject*, sujeito desconhecido, que é a forma pela qual, no Ocidente, os observadores do comportamento se referem aos perpetradores de crimes cuja identidade ainda não é conhecida, ou ainda termos como os que estão no quadro acima, como “assassino organizado” ou “missionário”.

Atualmente existe ainda, uma terceira grande corrente, a psicologia investigativa, cuja base do estudo é a interação entre a vítima e o agressor. Criado pelo Dr. David Canter, em 1985, em cooperação com a Scotland Yard, seu diferencial é ser um trabalho comparativo, entre o caso presente e um grupo controle (população transgressora) cujos dados são constantemente atualizados. De todas as formas de se traçar um perfil de um

criminoso, essa é a que mais leva em conta possíveis mudanças sócio-históricas que possam influenciar no desenvolvimento psicológico de uma comunidade.

Seja como for, todas essas escolas acreditam que a base para a compreensão da mente assassina é a análise da cena do crime. A partir dela é possível reconhecer o *modus operandi* (M.O.) do criminoso; ou seja, os passos que ele seguiu para cometer o crime. Trata-se de uma espécie de roteiro, sujeito a alterações por imprevistos, escalada de violência, refinamento no método para evitar prisão ou facilitar a ação, etc. Além disso é também possível encontrar o que os especialistas chamam de assinatura do criminoso, uma manifestação única e quase imutável da fantasia dessas pessoas. Assim definidas – de forma rudimentar, é verdade – algumas categorias, vamos ao caso Chikatilo, onde poderemos encontrá-las em abundância.

### O “eu” social de Chikatilo

Andrei Romanovich Chikatilo nasceu em 16 de outubro de 1936, na atual Ucrânia. Aparentemente sofria de hidrocefalia e foi submetido, ainda bebê, a um procedimento hoje considerado rudimentar, que lhe teria causado danos cerebrais, confirmados por exames a que foi submetido durante sua estadia, mais tarde, no Instituto Psiquiátrico Serbesky, em Moscou (RAMSLAND, 2022). Tinha uma irmã mais nova sua mãe era conhecida por ser bastante severa – especialmente em relação a seu grande segredo, a enurese noturna – e que nunca deixava de contar sobre como seu filho mais velho, Stephan, teria sido “assassinado e canibalizado pelos vizinhos durante uma época de fome que dizimou milhares de vidas russas” (NEWTON, 2005, p. 82)<sup>5</sup>.

Em 1993, Moira Martingale escreveu o livro “Cannibal Killers: the impossible monsters”. A obra, que já teve algumas versões, inclusive virtuais e que foi traduzida para diversas línguas, foi amplamente baseada nas transcrições da confissão de Chikatilo, de seu julgamento e nos relatórios policiais. Nele, a autora defende que a infância de Chikatilo tenha

<sup>5</sup> A grafia do nome do suposto irmão de Andrei varia de acordo com as fontes, contudo, não existem registros de seu nascimento, morte ou da “ocorrência de canibalismo na Ucrânia nesses anos”. (CASOY, 2002: 174.) A esta última afirmação, Robert Cullen faz objeções, refletindo sobre a dureza do governo de Stalin sobre a Ucrânia e sobre também sobre o fato de que lendas a respeito de compra e venda de carne humana, advinda de corpos frescos, recém enterrados nos cemitérios profanados, ou mesmo de crianças pegadas na rua e assassinadas para esse fim, eram comuns por toda a Ucrânia até, pelo menos, a década de 1980. (CULLEN, 1993).

sido marcada por uma tristeza extrema pelo terror constante, principalmente desde que perdeu o pai, um soldado russo, acusado de traição e capturado como prisioneiro na 2ª Guerra Mundial. Sua teria sido ainda mais marcante no processo psicológico que o transformou na pessoa que era. Sua primeira experiência sexual teria sido com uma das amigas de sua irmã, uma garota de dez anos. Desde então, ele parece ter oscilado entre a impotência e a ejaculação precoce. Pouco adequado socialmente e marcado pelo que percebia como falhas suas no âmbito sexual, Chikatilo foi alvo de constantes provocações e humilhações por parte de seus pares, situação que só parece ter sido ligeiramente amenizada quando ele se tornou editor do jornal escolar e do escritório de informações políticas, aos 16 anos de idade.

Aos 27 anos, em 1963, casou-se com uma moça com quem teve duas crianças: Lyudmilla e Yuri. Nos onze anos entre sua nomeação para editor e seu casamento, Chikatilo serviu ao exército soviético, tornou-se membro do Partido, registrou-se como trabalhador autônomo da KGB (o serviço secreto soviético) e se graduou em Artes Liberais, Literatura Russa, Marxismo-Leninismo e Engenharia. Em 1973, Chikatilo, perdeu a mãe. Cinco anos, em 1978, depois, chegou a Shatky, onde começou a trabalhar como professor na Escola Vocacional 32. Em 1981, foi desligado do cargo. Sabemos que, durante esses três anos, Chikatilo molestou um garoto e espiou diversas vezes os meninos no vestiário e nos banheiros, este não foi, ao menos oficialmente, o motivo de seu desligamento da instituição, que nunca investigou as acusações e alegou cortes no orçamento para mudança do quadro profissional.

Chikatilo começou então a trabalhar como auxiliar de suprimentos em uma fábrica localizada em Rostov-On-Don, área industrial próxima à Shakty. Seu trabalho impunha muitas viagens, o que significava acesso constante a trens e ônibus. Em 1984, quando começaram a se intensificar as buscas pelo “Açougueiro de Rostov”, Chikatilo foi abordado pela polícia, que descobriu em sua valise uma corda, um pote de vaselina e um facão. Embora a presença dos objetos fosse significativa, a polícia só pôde detê-lo por um registro criminal anterior: Chikatilo fora acusado de furtar um linóleo e uma bateria de carro de uma fábrica estatal. Condenado a um ano de prisão, saiu três meses depois. Em dezembro do mesmo ano, empregou-se em uma fábrica de locomotivas, perto de Novocherkassk. De novo tinha amplo acesso aos meios de transporte públicos, pois viajava muito a negócios. Em 1992, quando

foi finalmente preso por seus crimes, estava com 56 anos e era Engenheiro Sênior desta mesma fábrica.

### **O eu” pessoal de Chikatilo**

Chikatil, ao contrário da maioria dos assassinos seriais, que mata pela primeira vez na adolescência ou no início da vida adulta, cometeu seu primeiro assassinato apenas aos 42 anos, no dia 22 de dezembro de 1978, em Shakty. A partir daí foram 12 anos de homicídios. O resultado foram 53 vítimas, entre os 8 e os 45 anos, de ambos os sexos: 21 meninos, 14 meninas e 18 mulheres. Por anos, Chikatilo manteve seus desejos guardados, encontrando brechas menores pelas quais pudesse extravasar seu “eu” pessoal, como os atos de voyerismo aos quais se permitiu durante seus anos como professor. Em certo momento, percebeu que não era mais possível controlar o que ele mesmo chamou, em seu julgamento, de “lobo enlouquecido” que havia dentro dele. Consciente de que suas fantasias iam contra a personagem que criara, garantiu privacidade para sua realização.

Ao chegar nos bosques, aquele senhor tão quieto e intelectual passava a se comportar como uma fera selvagem. Golpeava então suas vítimas com mordidas, para evitar que gritassem. Na seqüência [sic], as violava e mutilava. A primeira mutilação a que as submetia era nos olhos: ele os arrancava com a faca, de modo que não pudesse ser observado na sua performance sexual. Depois de satisfeito, desmembrava-as ainda vivas, infligindo nelas entre 40 e 50 feridas profundas. Muitas vezes arrancava o órgão sexual de suas vítimas usando como arma a própria boca. Em outras oportunidades, enchia seu estômago com terra e depois as destrinchava. Fervia e comia os testículos e mamilos arrancados; arrancava seus narizes e dedos. Muitas das crianças que matou foram mutiladas ainda vivas (CASOY, 2002. P. 179).

Quando foi preso, Chikatilo descreveu seus crimes com vivacidade e riqueza de detalhes, mostrando carinho por seu trabalho, embora soubesse que quando massacrava suas vítimas, estripava também a sociedade. No entanto, não podia e não pretendia evitar reviver a experiência, tão macabra para os outros quanto deliciosa para ele. Eram suas maiores intimidades que se tornavam públicas.

“Mais comumente conhecido como perversão ou fetichismo, [a] parafilia (do grego *para*; “além”, “impróprio” e *philia*: “anexo a”) descreve a má orientação do desejo sexual para objetos incomuns e anormais” (NEWTON, 2005, p. 296): as parafilias de Chikatilo

eram o sadismo mutilatório e o canibalismo. Seus atos evocavam o tabu da carne humana e suscitaram o renascimento de histórias populares sobre outros casos similares há muito esquecidos na União Soviética. A ideologia socialista, que começou a erodir no final da década de 1980, sofria duros golpes com a emergência da real personalidade de Chikatilo.

Se a incursão pelos espaços obscuros do “eu” pessoal de um psicopata já não é tarefa fácil, olhar os crimes desse assassino em particular, um a um, assusta e traz certo sentimento de impotência. Neles se refletem uma escalada em ódio e confiança em sua impunidade. Seu *modus operandi* evoluiu junto com seu sadismo. Lena Zakotnova, sua primeira vítima, por exemplo, não teve a língua cortada. Andrei tampouco lhe a boca com o antebraço para que ela desmaiasse e não pudesse gritar. Outras vítimas tiveram destinos mais cruéis: quando o descontrole tomava conta de Chikatilo, o exagero, ou *overkill*, tornava-se nítido:

Quando as autoridades do Uzbequistão encontraram o corpo de uma jovem no trigal, achou que ela tivesse caído embaixo de uma máquina agrícola. Em outros três casos, a polícia achou que tivesse localizado corpos de meninas, mas, depois de examinados, constatou-se que se tratava de meninos (CASOY, 2002: 178-179).

### **Uma investigação permeada pela ideologia**

Vladimir Ionosyan “morreu ante o esquadrão de fuzilamento no dia seguinte à sua sentença” (NEWTON, 2005: 201), em 1º. de fevereiro de 1964. Durante o mês de janeiro daquele ano, algumas pessoas foram mortas por um homem que se passava por um leitor de medidor de gás da *Mosgás*, empresa estatal de Moscou, sem que o número jamais fosse confirmado por nenhuma autoridade ou pela imprensa. Contudo, as pessoas comentavam entre si, advertiam-se e espalhavam fatos, boatos e especulações.

Dez anos depois, quando um desconhecido passou a matar e estripar mulheres (onze é o número presumido), as autoridades se mantiveram laconicamente impassíveis, emitindo informações parciais e veladas. Oficialmente uma prisão foi feita e “(...) o suspeito foi afastado para avaliação psiquiátrica, e a disposição do caso permanece desconhecida (...) Nas ruas, a população, desejando notícias sólidas, cedia aos rumores, duvidando de que o assassino tivesse sido capturado” (NEWTON, 2005, p. 205). Sem confirmações, ele era chamado, pelos cidadãos de “Ivan, o estripador” e teve sua história contada de boca em boca por ainda muito tempo.

Rumores de uma suposta série de vítimas do sexo feminino decapitadas, em Moscou, em 1979, se espalharam como fogo em mata seca. No entanto, “nenhuma evidência de apoio para este caso foi encontrada nos 15 anos após sua publicação original” (NEWTON, 2005, p. 45). Por isso, coube apenas a Gennadiy Mikhasevich (1947 – 1988), ser “o primeiro *serial killer* russo reconhecido pela mídia soviética controlada pelo Estado” (NEWTON, 2005, p. 265).

Mikhasevich foi fuzilado quando de sua confissão. Aparentemente, ele assassinou 36 mulheres entre os anos de 1971 e 1985, quando foi preso. A agência de notícias *Tass* não pôde obter e/ou divulgar maiores informações. No entanto, noticiários anteriores mostram que quatro suspeitos tinham sido capturados durante o desenrolar do caso. Um deles fora considerado culpado e tinha sido fuzilado e outro cometera suicídio na cadeia, enquanto aguardava sentença. Essa série de tropeços mostra que “a caçada humana é duplamente difícil em uma sociedade que não admite nenhum problema criminal” (NEWTON, 2005, p. 205). São casos como esses que dão o tom das investigações em torno dos crimes de Chikatilo: silêncio, burocracia e erros grotescos em nome de uma ideologia.

Em 2015, o filme *Crimes Ocultos* (ou, originalmente, *Child 44*), com Tom Hardy, Gary Oldman e Naome Rapace contou a história de um agente da política militar soviética em desgraça que investiga uma série de assassinatos durante a União Soviética Stalinista. Em franca conversa com o caso de Chikatilo, o filme também é permeado pelas discussões apontadas acima e que esperamos conseguir perseguir a seguir, que entremeiam ideologia política e compreensões sócio-históricas que hoje nos parecem perdidas no tempo, mas que ainda fazem parte, de certa forma, da maneira como olhamos para o outro (particularmente o outro russo) e encontramos nele, categorias que nos parecem familiar, mas que são, ao mesmo tempo, tão distintas. No filme, vemos (da mesma maneira que esperamos demonstrar aqui) como a mesma lógica estatal que exigia a solução da desordem, emaranhava as buscas pela verdade de tal forma que amarrava as mãos das autoridades e lhes tornava, por vezes, impotentes frente ao significado de seu próprio cargo.

Ainda sobre Andrei Chikatilo, o primeiro corpo encontrado pela *militsia* (autoridades locais) era na verdade um bando de ossos, com restos de pele e alguns cabelos negros presos ao crânio. Havia muitos cortes nos ossos e sinais de nacos de carne arrancados na região pélvica e as órbitas oculares tinham sido esfaqueadas, como se para arrancar os ossos. O

Major Mikhail Festisov era *syshchik* da região (detetive chefe) e organizou uma busca com cadetes militares em treinamento. Com o que foi encontrado, identificaram o corpo como sendo de Lyobov Biryuk, uma garota de 13 anos, desaparecida não muito tempo antes. No entanto, a umidade do local, associada ao calor da estação, aceleram a decomposição.

Crimes sexuais não aconteciam na Rússia. Pelo menos não oficialmente, pois eram típicos de uma “sociedade ocidental indulgente com si própria” (RAMSLAND, 2022. Tradução nossa)<sup>6</sup>. Portanto, esse não era um dos caminhos que a investigação poderia seguir – e esta é uma das características mais importantes da investigação de todo o caso Chikatilo e que não devemos nunca perder de vista. De acordo com Robert Cullen (1993), a maioria dos assassinatos que aconteceram na Rússia daquela época, naquela região eram divididos em duas categorias: assassinatos íntimos, causados por algum tipo de acesso de fúria ou bebedeira e dirigido a conhecidos (normalmente familiares) ou assassinatos instrumentais, nos quais o intuito era conseguir algo das vítimas. As autoridades, tendo descartado tais possibilidades, concluíram que se tratava de um ataque ao acaso. Quando um estuprador condenado que morava nos arredores se enforcou, seu suicídio foi considerado uma confissão e o caso foi oficialmente encerrado.

No entanto, outro corpo apareceu, dois meses depois. Tratava-se de uma jovem mulher, com múltiplas facadas e lacerações nas órbitas oculares. Mais um mês se foi e outra vítima com ferimentos muito parecidos foi encontrada. Nenhum dos dois corpos foram identificados. O padrão era claro. “Um *serial killer* reclamara pelo menos três vítimas. Mas ninguém admitiu isso, especialmente não para a imprensa. Oficialmente o que eles tinham eram três casos separados de assassinatos não resolvidos” (RAMSLAND, 2022. Tradução nossa)<sup>7</sup>. Qualquer que fosse o caso, Fetisov montou uma força tarefa com dez pessoas, incluindo Viktor Burakov, criminologista especializado em evidências, em janeiro de 1983. No mesmo mês, a quarta vítima foi descoberta, com os mesmos sinais.

O quinto corpo achado foi de Olga Stalmachenok, de 10 anos. Ela foi assassinada com um número exagerado de facadas. Como era inverno, o frio preservou relativamente bem seu corpo. Burakov provavelmente percebeu o tamanho do problema com o qual lidava;

---

<sup>6</sup> “Although sexual crimes were considered manifestations of self-indulgent Western societies, there were plenty of signs that this incident had been just such a killing”

<sup>7</sup> “A serial killer had claimed at least three victims. But no one was admitting that, especially not to the press. Officially what they had were three separate unsolved murders”.

contudo, “não havia recurso algum que [Burakov] conhecesse e pudesse utilizar. Homens que matavam dessa maneira eram pouquíssimos, em teoria, e só oficiais de alta patente conheciam os detalhes dessas investigações” (RAMSLAND, 2022. Tradução nossa)<sup>8</sup>. Como apontamos antes, o que acontecia aqui era que, a mesma ideologia que urgia rapidez de Burakov, posto que assentada na ordem, também lhe atava as mãos.

Burocracia extrema, militarização do poder e rigidez hierárquica não combinam com buscas e soluções novas, potencialmente questionadoras. Desta forma, ele escolheu interpretações mais tradicionais: estabeleceu que o maníaco – termo pelo qual os perpetradores desconhecidos eram referenciados na URSS – não devia ter aparência assustadora, mas sofria de alguma patologia mental que provavelmente seria fácil de reconhecer e indicaria o caminho a seguir para prendê-lo (CULLEN, 1993). Os esforços se concentraram em torno de agressores sexuais conhecidos (considerados àquela época como doentes) e pacientes psiquiátricos que tinham recebido alta dos institutos das proximidades. Quatro meses depois, os restos de uma garota com Síndrome de Down foram encontrados. Ela tinha 13 anos e foi reconhecida por funcionários de uma instituição local, onde ela morava. Seu caso foi rapidamente obscurecido pelo surgimento de outro corpo. Desta vez se tratava de um garoto de oito anos. Assim como outras vítimas, ele também utilizava frequentemente o transporte público.

Essa descoberta confundiu Burakov. Até onde ele sabia, assassinos privilegiavam um tipo de vítima. O fato de que, até aquele momento, tinham sido descobertos corpos de mulheres, garotas e agora garotos podia indicar a existência de dois criminosos, mesmo que a similaridade entre os casos tornasse isso quase impossível. Burakov ainda tentava entender o que se passava quando soube que o culpado fora preso e foi convocado para se encaminhar à cadeia, onde ele lhe aguardava para entrevistas que ajudassem a estabelecer seus motivos. Yuri Kalenik, de 19 anos, era um forte candidato a culpado: fora criado num abrigo para crianças com doenças mentais, usava transporte público e quando foi preso, confessou. Cullen (1993) acredita que a confissão tenha sido fruto de surras e falta de alimentação.

Sabemos que a confissão de culpa nem sempre é real. Existem motivos psicológicos, como a busca pelo reconhecimento de uma vida entendida como medíocre ou, como aponta

---

<sup>8</sup> “There were no resources that Burakov was aware of to utilize. Men who killed in this manner were supposedly few and only top-ranking officials knew the details of those investigations”.

Cullen (1993), o fato de que a polícia soviética era particularmente conhecida por sua brutalidade no interrogatório. Talvez por isso, Burakov tenha alimentado dúvidas quanto à veracidade da confissão de Kalenik e tenha, inclusive, quando outro corpo foi encontrado, pressionado pelo reconhecimento de sua inocência (que só aconteceu 5 anos depois).

Com os corpos continuando a aparecer, o mistério aumentava, e com ele, as falsas confissões. Todo o esforço dos oficiais soviéticos em provar a eficiência do aparato investigativo do Estado parecia, no mínimo, insuficiente. E mesmo com o tradicional laconismo oficial, os rumores se espalharam. No começo de 1984, o 10º caso de assassinato não resolvido foi confirmado, com o achado do corpo de Sergei Markov, um garoto de 14 anos, que também tinha tido os olhos arrancados. Markov era de uma cidadezinha próxima ao bosque onde estava seu corpo e tinha pego o trem local, no dia de seu desaparecimento.

Outra pessoa que também vivia na mesma cidadezinha, Gukovo, era Mikhail Tyapin, um jovem de 23 anos, nem sempre verbal, que vivia em um abrigo para pessoas com doenças mentais. Lembrando que Burakov (e o aparato oficial do Estado) entendia que o maníaco (criminoso) deveria ser, necessariamente, uma pessoa com algum tipo de doença mental, facilmente identificável, nos parece relativamente simples entender porque esta população, já tão vulnerabilizada, foi particularmente marcada durante as investigações do caso Chikatilo. Yapin foi preso, junto com um amigo, Aleksandr Ponomoaryev, que também vivia na instituição. Os dois confessaram esse crime, bem como outros, que já haviam sido, ao menos teoricamente, resolvidos.

O excesso de confissões e a desconexão entre as personalidades dos prisioneiros e os crimes chamou atenção de Mikhail Fetisov, que chefiava as investigações, que começou a duvidar dessas prisões. Burakov também não estava satisfeito. Ele ainda acreditava que o assassino tivesse algum tipo de demência ou transtorno psiquiátrico, mas que ela fosse sutil (logo, não facilmente percebida como era o caso de Yapin, que, como mencionamos antes, muitas vezes, inclusive, se comunicava apenas de maneira não verbal). Além disso, ele afirmou categoricamente que este assassino não agia em grupo.

Markov foi assassinado no início do inverno e o frio subsequente preservou-lhe o corpo a ponto de fornecer às autoridades a primeira evidência concreta: sêmen do assassino, que foi testado e cujos antígenos sanguíneos não batiam com os de nenhum suspeito em custódia. É verdade que, pouco tempo depois da divulgação do resultado negativo, o

laboratório responsável pela análise se retratou, alegando ter misturado os resultados e afirmando que o tipo sanguíneo encontrado era efetivamente o mesmo que o de Tyapin (CULLEN, 1993). Contudo, mais corpos apareceram.

No final do verão de 1984, os investigadores tinham 24 vítimas ligadas a um mesmo homem, uma pegada referente a um sapato tamanho 40 / 41, garantias de que o antígeno presente no sêmen do criminoso era AB, mais uma prisão seguida de confissão, a desconfiança de Festiov e a firme negação de Burakov em relação à sua validade, além de uma força tarefa confusa e dividida. Com a mídia proibida de ligar oficialmente os casos, só restou ao Ministro do Interior, mandar mais homens para Rostov. Burakov passou, então, a chefiar uma força tarefa de cerca de 200 homens.

Eles decidiram que estavam em busca de um homem entre os 25 e 30 anos de idade, alto, de boa constituição física, com tipo sanguíneo AB. Ele era cuidadoso e tinha pelo menos inteligência média e era provavelmente persuasivo. Ele viajava e vivia com sua mãe ou esposa. Ele poderia ser um paciente psiquiátrico em alta, ou um viciado em alguma substância, e poderia ter algum tipo de conhecimento de anatomia e habilidade com facas. Qualquer pessoa que combinasse vagamente com essas características tinha que se submeter a um teste de grupo sanguíneo (RAMSLAND, 2022. Tradução nossa)<sup>9</sup>.

Burakov, convencido de que faltavam argumentos mais concretos, quebrou protocolo e foi a Moscou em busca de respostas entre psicólogos e psiquiatras. Aleksandr Bukhanovsky (1944 – 2013), reconhecido atualmente como uma lenda da psiquiatria russa e grande especialista em assassinos seriais, concordou em olhar para os poucos detalhes fornecidos dos crimes e elaborar um relatório. Para ele, o assassino:

Era sexualmente desviado, entre 25 e 50 anos de idade, cerca de 1,67 de altura. Ele achava que o homem sofria de algum tipo de inadequação sexual e que ele cegava suas vítimas para evitar que elas o olhassem. Ele também brutalizava seus corpos, parcialmente por conta de sua frustração e parcialmente para aumentar sua satisfação. Ele era um sádico (...) compulsivo. (...) Ele não era retardado [sic] nem

---

<sup>9</sup> “They decided that they were looking for a man between 25 and 30, tall, well built, with type AB blood. He was careful and had at least average intelligence, and was probably verbally persuasive. He traveled and lived with either his mother or a wife. He might be a former psychiatric patient, or a substance abuser, and he might have some knowledge of anatomy and skill with a knife. Anyone who generally matched these characteristics would have to submit to a blood test”.

esquizofrênico. Ele podia bolar um plano e segui-lo. Ele era um solitário e a única pessoa envolvida nos crimes (RAMSLAND, 2022. Tradução nossa)<sup>10</sup>.

Nesse meio tempo, Chikatilo foi mencionado pela primeira vez no caso<sup>11</sup>. Ele foi interrogado pelo Major Zanosovsky, na estação de Rostov. Mostrou seus papéis (e a membresia ao partido) e foi rapidamente liberado. Em seguida, como vimos, foi preso por furto e cumpriu 3 meses de pena. É interessante apontar para o fato de que, nesse momento, Chikatilo teve uma amostra de sangue retirada, tipificada (A) e catalogada. Seu tipo sanguíneo se tornou um dos aspectos centrais do caso, então vale a pena mencionar o fato nesse momento.

Em 1985, o número de vítimas diminuiu em Rostov. No entanto, alguns corpos apareceram nos arredores de Moscou. Só um foi ligado ao maníaco que procuravam. Em paralelo, Burakov concedeu ao Dr. Bukhanovsky total acesso aos registros da investigação, para que ele aprimorasse o perfil traçado. Apesar das inúmeras novas conclusões, pouco auxílio prático adveio deste esforço. Entretanto, uma novidade foi importante: baseado no laudo do psiquiatra as autoridades passaram a admitir que o criminoso provavelmente estava na posse completa de suas faculdades mentais, podendo viver na sociedade, escondendo sua real natureza.

Naquele mesmo ano, um corpo foi encontrado parcialmente enterrado. Embora até aquele momento todos os corpos tivessem sido encontrados à céu aberto, a similaridade do estado do corpo com os outros casos, aliada à aceitação da possível aparência de normalidade do perpetrador, levou os investigadores a temerem que o número de vítimas fosse maior do que imaginavam<sup>12</sup>. Foi então que Burakov chegou a conclusão de que era hora de estabelecer intercâmbio de informações com autoridades de outros locais. Dessa forma, preparou um

<sup>10</sup> “[The killer, he said,] was a sexual deviate, between 25 and 50 years old, around five-foot, ten-inches tall. He thought the man suffered from some form of sexual inadequacy and he blinded his victims to prevent them from looking at him. He also brutalized their corpses, partly out of frustration and partly to enhance his arousal. He was a sadist and (...) compulsive (...). He was not retarded or schizophrenic. He could work out a plan and follow it. He was a loner and he was the only offender involved”.

<sup>11</sup> Na verdade, ele foi uma das pessoas interrogadas no caso de sua primeira vítima, Lena Zakotnova, em 1978, quando o diretor da escola local foi à polícia e relatou que o retrato falado divulgado era bastante semelhante ao professor que lecionava em sua escola. Contudo, a esposa de Chikatilo, o inocentou, alegando que, no dia do crime, ele estivera em casa o tempo todo, com ela. (CASOY, 2002, pp. 170-171)

<sup>12</sup> De fato, Chikatilo enterrou algumas de suas vítimas. “A última vítima de 1989 foi um menino de 10 anos, que ele conheceu numa locadora de vídeo. Foi morto e enterrado no cemitério de Rostov pelo próprio assassino”. (CASOY, 2002: 176)

livreto que continha detalhes do caso, esperando que se algum outro distrito tivesse registrado ocorrências semelhantes e que ele fosse informado.

Os quatro anos de investigação levaram Burakov a um colapso nervoso, no final de 1986. Ficou dois meses afastado, mas voltou ao caso, que não teve novidades até 1988, quando o corpo de Aleksei Voronko, um garoto de 9 anos foi encontrado. Um de seus colegas de classe disse tê-lo visto entrando no bosque com um homem com coroas de ouro nos dentes e a informação animou a força tarefa, já que, naquela época, isso reduzia consideravelmente a população e suspeitos, pois poucas pessoas podiam pagar por aquele serviço.

Ainda assim, o ano chegou ao fim e nada aparecera. Não apenas isso, mas eles também foram informados pelo Ministro da Saúde que tinha sido um erro assumir que o tipo sanguíneo em secreções era um equivalente perfeito aos tipos sanguíneos reais (ou, alternativamente, presumir que os resultados fornecidos pelos laboratórios eram confiáveis). Havia alguns casos “paradoxais” raros em que eles não combinavam. Em outras palavras, qualquer um dos suspeitos eliminados baseado no tipo sanguíneo poderia ser o assassino (RAMSLAND, 2022. Tradução nossa)<sup>13</sup>.

A força tarefa decidiu, então, que a única saída era aumentar a vigilância nos transportes públicos. Mesmo assim, mais uma vítima foi encontrada em abril de 1989, o que aumentou a sensação de ineficiência da polícia e dos investigadores. Em 1990, quando o controle estatal sobre a imprensa havia diminuído pelo início do processo de dissolução da URSS e pela paulatina abertura política e econômica da região, os jornais, finalmente noticiaram o caso, colocando em 32 o número de vítimas conhecidas. Sob intensa pressão pública, Burakov mudou a tática, traçou o que conhecemos hoje como um perfil geográfico parcial: ele levantou o espaço geográfico em que se concentrava o maior número de corpos encontrados (parte da chamada zona de conforto de um assassino serial) e buscou pelas estações que ficavam dentro desse espaço, onde aumentou a presença de policiais, à paisana. Uma dessas estações era Donleskoz. Quando a polícia encontrou a vítima número 36, foram relatórios de oficiais que estavam nessa estação que fizeram os investigadores perceber que o fim da caçada estava próximo.

<sup>13</sup> “Yet by the end of that year, they had turned up nothing. Not only that, they learned from the Ministry of Health that it had been a mistake to assume that typing blood in secretions was an accurate match to blood types (or, alternatively, to assume that the labs were providing accurate results). There were rare “paradoxical” cases in which they did not match. In other words, any of the suspects eliminated based on blood type could have been their killer”.

O sargento Igor Ribakov contava que, num certo dia, trabalhando na estação de trem, reparou em um homem andando pela plataforma, suando abundantemente. Ao chegar perto dele para examinar melhor, notou que o senhor em questão tinha mancha de sangue na bochecha e no lóbulo da orelha, além de estar usando um curativo nos dedos da mão. Pediu os documentos do tal homem: Andrei Chikatilo, Engenheiro Sênior de uma fábrica de locomotivas em Rostov. O policial ia fazer mais perguntas, quando um trem chegou e Chikatilo insistiu que tinha de seguir viagem naquele momento. Não havendo nenhuma razão real para segura-lo ali, Ribakov o deixou seguir seu caminho (CASOY, 2002, p. 177).

Acontecia que este homem tinha sido um dos “25 mil suspeitos interrogados”<sup>14</sup>, que tinha sido solto com base em seu tipo sanguíneo e que tinha cumprido pena por furto. Chikatilo foi então preso em 20 de dezembro de 1990, por três policiais à paisana, que o viram abordar um garoto e notaram que ele tinha coroas de ouro nos dentes. Também encontraram em sua posse, um canivete. A polícia tinha 10 dias para mantê-lo sob custódia antes de um indiciamento formal. Um exame médico indicou que o tipo sanguíneo de Chikatilo era A, mas seu sêmen aparentemente tinha também anticorpos B, o que poderia fazer seu sangue parecer AB, embora não o fosse. Trata-se de uma raridade médica, mas que reforçava o quanto, naquele momento, as evidências contra ele eram apenas circunstanciais. Naquela época, o Major Mikhail Festisov fora substituído por Issa Kostoyev como *syshchik* (investigador chefe). Burakov e Kostoyev discordaram em relação a algumas táticas, e quando Burakova sugeriu chamar Bukhanovsky para interrogar Chikatilo, Kostoyev foi inicialmente contra. Contudo, como tempo correndo contra os policiais, o advogado e burocrata, acabou por concordar. Depois de horas de conversa com o psiquiatra, Chikatilo cedeu. Quando Kostoyev, que acompanhava parte da sessão, lhe acusou de 36 assassinatos, Chikatilo assentiu, mas o corrigiu, confessando um total de 55 homicídios e levando a polícia, inclusive, a vários corpos que até então não tinham sido encontrados.

Quanto aos olhos mutilados, sua assinatura, Andrei Chikatilo teve pouco a falar; ou escolheu calar-se sobre seu significado: primeiro disse acreditar na superstição de que a imagem do assassino ficar gravada na retina da vítima, mas depois afirmou que ele simplesmente não suportava a ideia daquelas pessoas olhando para ele. Quanto ao

<sup>14</sup> Esse é o número dado por Michael Newton, considerado conservador (NEWTON, 2005). O número de Moira Martingale, por outro lado, é considerado exagerado: mais de meio milhão de pessoas interrogadas. (MARTINGALE, 2009). Possivelmente, o número real está em algum lugar entre esses dois dados.

canibalismo, negou a acusação, embora tenha admitido que ocasionalmente pudesse morder os órgãos internos (Cf NEWTON, 2005, p. 83).

“Indiciado em 53 acusações de assassinato, Chikatilo foi a julgamento em junho de 1992. Quatro meses depois, em 15 de outubro, foi sentenciado em todas, exceto em uma acusação, e condenado à morte” (NEWTON, 2005, p. 83). Foi mantido em uma jaula de metal durante todo o julgamento, para sua própria segurança, pois com a imprensa alardeando o caso e acompanhando cotidianamente os procedimentos legais, a corte estava abarrotada de familiares que gritavam pelo direito de linchá-lo.

Talvez pelo horror que tenha suscitado em uma Rússia confusa com a transição política, econômica e social pelas quais passava, Chikatilo tenha ganhado destaque nas discussões do povo e do governo. Antes de uma época de pressões internacionais causadas por um desejo de aproximação com a Europa, Chikatilo não escapou da inevitabilidade da sentença: “A apelação por indulgência, nos últimos minutos, foi rejeitada pelo presidente Boris Yeltsin em 15 de fevereiro de 1994, e Chikatilo foi executado no mesmo dia, com um tiro de pistola na nuca” (NEWTON, 2004, p. 84).

### **A Guerra Fria no caso Chikatilo e como poucas vezes olhamos para o outro lado do mundo**

A prisão de Chikatilo só aconteceu 12 anos depois que ele começou a matar. Segundo Michael Newton,

Parte do problema foi a mitologia comunista, sustentando que esses ‘crimes do Ocidente decadente’, como homicídio em série, nunca ocorreriam na ‘república de pessoas’. A censura estadual proibiu a polícia de transmitir as descrições de seu suspeito – ou mesmo admitir seus crimes já ocorridos – e os investigadores de homicídios estavam assim reduzidos à mesma rotina de espionagem que havia retardado a investigação de casos anteriores e similares (NEWTON, 2005, p. 83).

Talvez essa insistência em esconder os fatos simplesmente porque eles não necessariamente combinam com o plano do Estado seja um dos motivos para conhecermos tão pouco a verdade histórica sobre os *serial killers* na URSS. Talvez, no entanto, a questão seja outra. Ilana Casoy (2002) diz que aproximadamente 75% dos *serial killers* conhecidos no mundo estão efetivamente nos Estados Unidos, epicentro do “Ocidente decadente” tão

amplamente combatido pela propaganda soviética comunista. Para ela não se trata de uma maior propensão biológica para matar por parte dos americanos: “Imagino que a diferença entre eles e o resto da humanidade é a alta tecnologia de que dispõe a polícia na obtenção de dados para solucionar os crimes e a enorme facilidade de comunicação e a troca de informações entre os policiais de todos os Estados” (CASOY, 2002: 31).

Mas quando olhada mais de perto, essa explicação parece bastante trivial e até mesmo perto da idolatria. Claro que os norte-americanos têm, com o *pathos do novo* a que se refere Hannah Arendt, a tendência a buscar cada vez mais a novidade, substituindo sempre o que consideram ultrapassado. Em seu texto, *Entre o Presente e o Passado* (1992), em que ela mostra os reflexos desse culto à novidade na educação, ela conclui ser este um dos grandes responsáveis pela crise educacional norte-americana. Indo mais além, ela mostra que na verdade, a educação é só uma faceta da crise social, que com o tempo deve colocar em risco a própria conservação da espécie.

O problema é que, enquanto se incentiva amplamente o cidadão norte-americano a quebrar com o passado e a olhar para o futuro, inconscientemente, se espera que ele seja capaz de adaptação em uma sociedade cujos pilares são exatamente a autoridade e a tradição. Desta contradição nasce um sujeito socialmente instável, que só tende a se interiorizar quando não encontra seu nicho. A cultura do sucesso não é uma doutrina oficial, como era na URSS, a cultura da igualdade, mas seus efeitos são tão universais e devastadores quanto, senão mais. Além disso, a indústria do audiovisual vive da exploração dessa cultura, quase tanto se alimenta da figura dos *serial killers*, ora como seres romantizados, ora como monstros, ora como ferramentas para discutir outros dramas psicológicos, mas, no mais das vezes, sem grandes reflexões sobre o que isso diz em relação às estruturas sociais em que o fenômeno floresce.

Desesperados por se encaixar numa sociedade com tantos rótulos, os jovens americanos talvez sejam mais suscetíveis ao mundo das fantasias, onde podem ser o que quiserem: super heróis, *pop stars*, artistas de cinema, etc. Mas, quando encontram obstáculos numa vida que não é como em sua mente, talvez guardem a fantasia em algum lugar obscuro do cérebro e a tornem centro de seu mundo, procurando de qualquer forma uma maneira de realizá-la. Não que a URSS não produzisse crianças e jovens com essas fantasias. Provavelmente o faziam, mas, sem a pressão social para se sobressaírem, talvez

conseguissem encontrar, na mediocridade uma estabilidade que o capitalismo torna inviável. Por outro lado, talvez seja apenas uma questão de nome aos bois; em outras palavras, talvez o único motivo pelo qual saibamos mais sobre assassinos seriais nos Estados Unidos seja pelo fato de que por lá, eles têm realidade ontológica e são, portanto, discutidos naquilo que se imagina ser sua essência, tornando-se, portanto, mais visíveis, inclusive por conta de sua ampla exposição audiovisual. Quiçá não seja esse o motivo pelo qual vemos muitos mais histórias contadas sobre Ted Bundy, H.H. Holmes e Jeffrey Dahmer do que sobre Luis Garavito, Pedro Rodrigues Filho, Yang Xinhai ou Chikatilo, ainda que estes últimos quatro, bem como tantos outros, tenham todos muitos mais corpos em suas contas do que os primeiros.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: *Entre o Passado e Futuro*. São Paulo,: Ed. Perspectiva, 1992.
- BIVENS, Dim. Chikatilo statue causes stir. In: *The exile*, issue 152, October 17th, 2002
- CASOY, Ilana. *Serial killer: louco ou cruel*. 2ª. ed. São Paulo: WWC Editora, 2002.
- CRIMES OCULTOS. Direção: Daniel Espinosa. Produção de Ridley Scott. Estados Unidos: SM Distribuidora de Filmes Ltda, 2015.
- CRIMINAL MINDS [Seriado]. Vários diretores. Produção: Jeff Davies. Estados Unidos: CBS Studios e ABC Studios, 2005 – 2020. 324 episódios.
- DOUGLAS, John E.; OLSHAKER, Mark. *Mindhunter: Inside the FBI's Elite Serial Crime Unit*. New York: Scribner, 1995.
- FIGUEIREDO, Ana Luiza. *Criminal Minds: Paramount+ confirma desenvolvimento de revival*. 01.02.22. In: Olhar digital. Disponível em: <https://bit.ly/3GXeo6o>. Acesso em: 04 junho 2022.
- CULLEN, Robert. *The killer department: detective Viktor Burakov's eight-year hunt for the most savage serial killer in Russian History*. New York: Pantheon Books, 1993.



**REVISTA BELAS ARTES**

Volume 38  
Janeiro - Abril / 2022  
ISSN: 2176-6479

GOLDMANN, Lucien. O pensamento histórico e seu objeto. In: *Ciências humanas e filosofia: que é sociologia?* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, pp.17-26.

MARTINGALE, Moira. *Cannibal killers: the impossible monsters*. Edição Revisada. Londres: Robert Hale, 2009.

MIND HUNTERS [Seriado]. Vários diretores. Produção: David Fincher. Estados Unidos: Netflix, 2017 – 2020. 19 episódios.

NEWTON, Michael. *A enciclopédia dos serial killers*. São Paulo: Madras. 2005.

RAMSLAND, Katherine. The Devil's Trail. In: Crimine Library. Disponível em: <https://bit.ly/3xjpL5t>. Acesso em 02 de abril de 2022.

ROBINSON, Bruce. False confessions by adults. In: Justice Denied. Disponível em: [www.justicedenied.org](http://www.justicedenied.org). Acesso em 03 de abril de 2022.

THORPE, Vanessa. The dormant cannibal inside us all. In: Guardian Observer. Disponível em: <http://observer.guardian.co.uk>. Acesso em: 03 de abril de 2022.